

FÉ *para* HOJE

Comprometida com a Fé que foi entregue aos santos.

Número 6

Ano 2000



Fé *para* *Hoje*

Fé para Hoje é um ministério da Editora FIEL. Como outros projetos da FIEL — as conferências e os livros — este novo passo de fé tem como propósito semear o glorioso Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para a salvação de almas perdidas.

O conteúdo desta revista representa uma cuidadosa seleção de artigos, escritos por homens que têm mantido a fé que foi entregue aos santos.

Nestas páginas, o leitor receberá encorajamento a fim de pregar fielmente a Palavra da cruz. Ainda que esta mensagem continue sendo loucura para este mundo, as páginas da história comprovam que ela é o poder de Deus para a salvação das ovelhas perdidas — “Minhas ovelhas ouvem a minha voz e me seguem”.

Aquele que tem entrado na onda pragmática que procura fazer do evangelho algo desejável aos olhos do mundo, precisa ser lembrado que nem Paulo, nem o próprio Cristo, tentou popularizar a mensagem salvadora.

Fé para Hoje é oferecida gratuitamente aos pastores e seminaristas.

Editora Fiel
Caixa Postal 1601
12233-300 - São José dos Campos, SP

www.editorafiel.com.br

Conteúdo

O Declínio da Pregação Contemporânea	1
<i>John F. MacArthur, Jr.</i>	
Ovelhas não Pastoreadas	4
<i>Maurice Roberts</i>	
Conhecimento Ineficaz	9
<i>John Newton</i>	
Alimentando as Ovelhas ou Divertindo os Bodes ..	15
<i>C. H. Spurgeon</i>	
A Igreja: Crescimento e Sucesso	17
<i>Iain Murray</i>	
Oração de um Profeta Menor	29
<i>A. W. Tozer</i>	
Opinião do Leitor	32

O Declínio da Pregação Contemporânea

John F. MacArthur, Jr.

Você já percebeu como diversos comerciais de televisão não falam especificamente sobre os produtos que anunciam? Um anúncio de jeans apresenta um comovente drama a respeito da infelicidade dos adolescentes, mas não se refere ao jeans. Um comercial de perfumes mostra uma coletânea de imagens sensuais sem qualquer referência ao produto anunciado. As propagandas de cerveja são algumas das mais criativas da televisão, mas falam muito pouco sobre a própria cerveja.

Esses comerciais são produzidos com o objetivo de entreter, criar disposição e apelar às nossas emoções, mas não para transmitir informações. Com frequência, eles são os mais eficientes, visto serem os que fazem melhor proveito da televisão. São produtos naturais de um veículo de comunicação que promove uma visão surrealista do mundo.

A televisão mescla sutilmente a vida real com a ilusão. A verdade é

irrelevante. O que realmente importa é se estamos sendo entretidos. A essência não significa nada; o estilo de vida é o que mais interessa. Nas palavras de Marshall McLuhan, o instrumento é a mensagem.

Amusing Ourselves to Death (Divertindo-nos até à morte) é um livro perceptivo mas inquietante escrito por Neil Postman, professor da Universidade de Nova Iorque. Ele argumenta que a televisão nos tem mutilado a capacidade de pensar e reduzido nossa aptidão para a verdadeira comunicação.

Postman assegura que, ao invés de nos tornar a mais informada e erudita de todas as gerações da História, a televisão tem inundado nossas mentes com informações irrelevantes, sem significado. Ela nos tem condicionado apenas ao entretenimento, tornando obsoletas outras formas de interação humana.

Postman ressalta que até os noticiários são uma apresentação

teatral. Jornalistas simpáticos relatam calmamente breves notícias sobre guerras, assassinatos, crimes e desastres naturais. Essas histórias catastróficas são intercaladas por comerciais que banalizam suas informações, isolando-as de seu contexto. Em seu livro, Postman registra um noticiário em que um almirante declarou que uma guerra nuclear mundial seria inevitável. No próximo segmento da programação, houve um comercial do Rei dos Hamburgers. Não se

espera que nossa reação seja racional. Nas palavras de Postman, “os espectadores não reagirão com um senso da realidade, assim como a audiência no teatro não sairá correndo para casa, porque alguém no palco disse que um assassino estava solto na vizinhança”.¹

A televisão não pode exigir uma resposta sensata. As pessoas ligam-na para se divertir, não para serem desafiadas a pensar. Se um programa exige que pensemos ou demanda muito de nossas faculdades intelectuais, ninguém o assiste.

A televisão tem diminuído o alcance de nossa atenção. Por exemplo, alguma pessoa de nossa sociedade ficaria de pé, entre uma sufocante multidão, durante sete horas para ouvir os debates dos candidatos a presidente da República? Sinceramente, é muito difícil imaginar que nossos antepassados possuíam esse tipo de paciência. Temos permitido a televisão nos fazer pensar

que sabemos mais agora, enquanto na verdade estamos perdendo nossa tolerância na área de pensar e aprender.

Sem dúvida, a mensagem mais vigorosa do livro de Postman está em um capítulo sobre religião. Esse homem não-crente escreve com profundo discernimento a respeito do

declínio da pregação. Ele contrasta a pregação contemporânea com o ministério de homens como Jonathan Edwards, George Whitefield e outros. Estes homens con-

tavam com um pro-

fundo conteúdo, lógica e conhecimento das Escrituras. Em contraste, a pregação de nossos dias é superficial, com ênfase no estilo e nas emoções. Na definição moderna, a “boa” pregação tem de ser, antes de tudo, breve e estimulante. Consiste em entretenimento, não em ensino, repreensão, correção ou educação na justiça (2 Tm 3.16).

O modelo da pregação moderna é o evangelista esperto que exagera as emoções, traz consigo um microfone, enquanto anda pomposamente ao redor do púlpito, levando os ouvintes a baterem palmas, movimentarem-se e fazerem aclamações em voz bem alta, ao tempo em que ele os incita a um frenesi. Não existe alimento espiritual na mensagem, mas quem se importa, visto que a resposta é entusiástica?

É lógico que a pregação em muitas das igrejas conservadoras não se realiza de maneira tão exagerada assim. Mas, infelizmente, até

— ■ —

A pregação de nossos dias é superficial, com ênfase no estilo e nas emoções.

— ■ —

algumas das melhores pregações de nossos dias contêm mais entretenimento do que ensino. Muitas igrejas têm um sermão característico de meia hora, repleto de histórias engraçadas e pouco ensino.

Na verdade, muitos pregadores consideram o ensino de doutrinas como algo indesejável e sem utilidade prática. Uma grande revista evangélica recentemente publicou um artigo escrito por um famoso pregador carismático. Ele utilizou uma página inteira para falar sobre a futilidade tanto de pregar quanto de ouvir sermões que vão além de mero entretenimento. Qual foi a sua conclusão? As pessoas não recordam aquilo que você pregou; por isso, a maior parte da pregação é perda de tempo. “Procurarei fazer melhor no próximo ano”, ele escreveu, “isto significa desperdiçar menos tempo ouvindo sermões demorados e gastando mais tempo preparando sermões curtos. As pessoas, eu descobri, perdoarão uma teologia pobre, se o culto matinal terminar antes do meio-dia”.²

Isto resume com perfeição a atitude que predomina na igreja moderna. Existe uma semelhança entre esse tipo de pregação e os comerciais de jeans, perfume e cerveja na televisão. Assim como os comerciais, a pregação moderna tem o objetivo de criar uma disposição íntima, evocar uma resposta emocional e entreter, mas não o de comunicar ne-

cessariamente algo da essência das Escrituras. Esse tipo de pregação é uma completa acomodação a uma sociedade educada pela televisão. Segue o que é agradável, porém revela pouca preocupação com a verdade. Não é o tipo de pregação ordenada nas Escrituras. Temos de pregar a Palavra (2 Tm 4.2); falar “o que convém à sã doutrina” (Tt 2.1); ensinar e recomendar “o ensino segundo a piedade” (1 Tm 6.3). É impossível fazer estas coisas se nosso alvo é entreter as pessoas.

O futuro da pregação expositiva é incerto. O que um pastor sincero tem de fazer para alcançar pessoas que se mostram indispostas e incapazes de ouvir com atenção e raciocínio exposições da verdade divina? Este é o grande desafio para os líderes da igreja contemporânea. Não devemos nos render à pressão para sermos superficiais. Temos de encontrar maneiras de fazer conhecida a Palavra de Deus a uma geração que não apenas recusa-se a ouvir, mas também não sabe como ouvir.

Notas:

1. Neil Postman, *Entertaining Ourselves to Death* (Nova Iorque, Penguin, 1984), p. 104.

2. Jamie Buckinham, “Wasted Time”, *Charisma* (dezembro de 1988), p. 98.

*Um sermão deve ser a proclamação da verdade divina
mediada através do pregador.*

D.Martyn Lloyd-Jones

Ovelhas não Pastoreadas

Maurice Roberts

Se não estamos enganados, há um crescente número de crentes infelizes. Sua infelicidade não resulta de uma natural indiferença ou de um descontentamento temperamental, e sim de sua insatisfação com aquilo que, em suas igrejas, lhes está sendo oferecido sob o nome de adoração e pregação. Sentimos profunda compaixão por esses crentes. Eles merecem atenção especial, e devemos orar com regularidade em seu favor.

Nas últimas décadas, têm existido tantos ventos de doutrina soprando sobre as igrejas, que com justiça podemos dizer: tais ventos de doutrinas atingiram proporções de um tufão. Mas o problema não se limita à doutrina. Estende-se a formas e estilos de adoração pública. Se têm fundamento os rumores que chegam aos nossos ouvidos, parece que metade das igrejas que outrora eram saudáveis e evangélicas entraram em uma segunda infância. Com frequência, a única qualificação necessária para que os adoradores recebam aceitação de seus líderes é

serem capazes de levantar as mãos e balançarem-nas, assim como as folhas de uma palmeira ao vento, e serem fluentes em falar palavras incompreensíveis. Possuir uma mente capaz de avaliar essas coisas é uma desvantagem positiva, visto que coloca a pessoa que a possui na indesejável posição de compreender quão ridícula e sem proveito é essa situação.

Igrejas em confusão

Devem existir diversos fatores que levaram igrejas evangélicas, no passado grandes e firmes, a decidirem-se por uma adoração infantil. Um desses fatores é a necessidade que muitos sentiram quanto ao cuidado pelos jovens. Entre 1960 e 1970 ficou evidente que a geração em crescimento estava se tornando desinteressada em ir às igrejas. Os jovens não eram mais atraídos aos cultos pelos velhos hábitos das gerações anteriores, mas foram envenenados em relação às coisas de Deus por meio

da música popular daquela época e por meio da galopante influência da televisão e dos esportes.

Esse fenômeno levou muitos líderes de igrejas evangélicas a se preocuparem intensamente a respeito de sua “imagem” aos olhos dos jovens. Pensava-se que não era mais possível aos pais crentes disciplinarem seus lares ou preservarem seus filhos incontaminados pelo mundo. A culpa, dizia-se, era da própria igreja, que permanecia “antiquada” e não proporcionava “empolgação” ou “atrativos”. Se os jovens deveriam ser preservados do mundo, novos e mais estimulantes estilos de adoração precisavam ser introduzidos na igreja. Desse modo, o argumento se propagou.

Sem dúvida, esse tipo de raciocínio resultou em uma boa medida de incredulidade. Os líderes, em muitos casos com bons motivos e pressentimentos íntimos, cederam aos jovens a maneira de conduzir a adoração na igreja. Pouco a pouco, a confusão se espalhou. Seriedade e ordem, antes sustentadas como virtudes elementares na adoração ao Todo-Poderoso, foram ridicularizadas como arqui-inimigas da adoração espiritual. “Liberdade e espontaneidade” tornaram-se as novas regras da adoração. Afinal de contas, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade; e não deveria tal liberdade estar disponível a todos os crentes? Acabemos com os grillhões que pren-

diam as gerações anteriores! Finalmente, chegara a época da adoração. Homens, mulheres, crianças e jovens, todos deveriam ter liberdade de participarem ativa e audivel-

mente. Os resultados estão conosco até hoje. Os frutos de uma anarquia geral de adoração são estes: o barulho suplanta a reverência e a superficialidade substitui a maturidade espiritual, enquanto outras coisas menos importantes

reduzem o tempo da pregação da Palavra. Como alguém tem dito, o adorador típico bem poderia deixar em casa a sua cabeça ao vir à igreja, porque essa parte de seu corpo é irrelevante enquanto participa desse tipo de culto.

■

O barulho suplanta a reverência e a superficialidade substitui a maturidade espiritual.

■

Grande prejuízo aos verdadeiros crentes

Nosso propósito ao salientar esses males é procurar mostrar quão prejudicial eles são ao verdadeiro rebanho de Cristo. Aqueles que desejam alimentar sua alma e vêm à igreja com interesse podem ficar alarmados e ofendidos diante dessa adoração superficial. Os filhos da graça sabem que Deus é glorioso em santidade. Eles vão à casa do Senhor com reverência e temor. O Espírito Santo lhes ensina que precisam ter uma atitude sublime e reverente em relação a qualquer coisa e a tudo que se refere à adoração a Deus. Anelam sentir a presença de Deus em seus

corações e desejam muito que a verdade de Deus se torne poderosa e clara em suas mentes. Ficam indignados em seus corações, quando vêem outros crentes adorando motivados por coisas irrelevantes, quer na adoração, quer na pregação. Sentem-se tristes, pois sabem que o Espírito do Senhor está sendo entristecido.

Infelizmente, isso é o que está acontecendo em igrejas evangélicas de todas as denominações. Crentes sérios, que seriam capazes de dar a sua vida por Cristo, se lhes fosse exigido, estão sendo levados a sentirem-se mal acolhidos em suas próprias igrejas. Sua espiritualidade é considerada como desajeitada. Grande parte dos crentes maduros na igreja estão sentindo-se isolados por seus companheiros, por não poderem entoar canções festivas que os outros utilizam em nome da “adoração”. Assim, existe uma situação em que o culto é freqüentemente um teste de paciência, ao invés de ser um tempo de devoção para o povo de Deus. Os crentes maduros não querem criar problema, mas suas consciências agravadas não podem aprovar as novas músicas, cânticos e hinos, as gesticulações e a nova atmosfera nos lugares onde anteriormente eles e seus pais adoravam a Deus com santo temor.

A espiritualidade em jogo

Sem dúvida, essa não é uma simples questão de época ou de geração. Mais do que isso, é uma questão de espiritualidade, maturidade e conhecimento. Existem crentes velhos que se comportam como crianças. Mas, graças a Deus, também existem crentes novos que têm feito bom uso das Escrituras, de livros evangélicos e confissões de fé ao ponto de serem já crentes firmes e bem instruídos.

Pessoas espirituais vêm à igreja para encontrar-se com Deus; não desejam que entretenimento lhes seja oferecido. Aqueles que desejam entretenimento podem obtê-lo a qualquer hora, indo a teatro e lugares de diversão, onde lhes será abundantemente oferecido por pessoas do mundo. Na vida cristã, existe lugar para diversão e alegria saudável e pura.

*Seriedade e ordem,
antes sustentadas como
virtudes elementares
na adoração ao
Todo-Poderoso, foram
ridicularizadas como
arqui-inimigas da
adoração espiritual.*

O povo de Deus precisa tempo de sorrir, assim como as outras pessoas. Enquanto eles evitam formas de entretenimento mundanos, não se recusam a ocasionalmente desfrutarem de alegria e despreocupação. Mas o povo de Deus não vai à igreja em busca de divertimento. Não procura entretenimento, tampouco sente-se tranqüilo ao encontrá-lo na igreja. Adoração e entretenimento nunca andam juntos; adoração e

leviandade jamais caminham lado a lado.

O que está em jogo em tudo isso é aquela preciosa coisa que chamamos espiritualidade. O homem espiritual treme diante da Palavra de Deus e possui um elevado conceito sobre cada aspecto e elemento da adoração a Deus. Ele não apenas exige espiritualidade na pregação; também exige e espera vê-la na leitura da Bíblia, nas orações públicas e na mensagem e tonalidade dos cânticos espirituais. Ele anela contemplar espiritualidade na casa de Deus e tem todo o direito de encontrá-la ali.

Solidão espiritual

Não é difícil perceber porque muitos do povo de Cristo hoje são crentes solitários no meio da multidão reunida na igreja. Eles se alegram quando o templo está repleto de pessoas, mas ficam perturbados se percebem que nada existe na igreja, exceto uma multidão barulhenta. Estão propensos a questionar, com admiração, se, afinal de contas, cem adoradores — ou mesmo vinte e cinco — não é preferível a uma multidão irreverente. Isto não deve ser confundido com uma mentalidade de “pequeno rebanho”. Não aplaudimos a teoria de que as igrejas devem sempre ser pequenas. Pelo contrário, em nossa opinião elas devem ser grandes. Pensamos que igrejas com mil membros não são grandes demais. Desejamos que nosso país se encha desse tipo de igrejas.

No entanto, ter muitos membros apenas por amor a números em geral

é uma traição a Cristo. A liderança abaixa os padrões de santidade para atrair grande número de pessoas. Em um ponto crítico desse processo de diluição, a adoração deixa completamente de ser reconhecida como adoração por aqueles que andam em intimidade com Deus. O número de membros talvez aumente, mas o crente espiritual e solitário, que testemunha esse declínio, receia que o Espírito Santo esteja sendo abafado e se retraindo. “Icabode” é o verdadeiro nome de tal igreja. É quase impossível acharmos comunhão espiritual. Os poucos crentes realmente santos que restam isolam-se e mantêm-se solitários.

Nenhuma solidão é tão difícil de ser suportada quanto a solidão experimentada em meio a multidões. Quantos crentes percebem essa situação em suas próprias igrejas! São os últimos a falarem sobre isso, porque são pessoas pacientes, dedicadas a oração e longânimes. Não é bom para seus pastores e líderes permitirem que situações como esta permaneçam em suas igrejas. Ao diluírem a adoração, atraíram à igreja multidões inconstantes, e entristeceram o coração dos justos.

Prejuízos resultantes da mudança

Existem prejuízos visíveis resultantes desse tipo de mudança sobre a qual já falamos. Um destes prejuízos é o tratamento cruel demonstrado ocasionalmente à ovelhas fiéis que se recusam a mudar. Devido ao fato que eles não podem, em boa consciência, seguir a deban-

da geral para “abrilhantar” a adoração a Deus, bons ministros do evangelho têm de abandonar suas igrejas. Não se leva em conta que eles passaram vinte ou trinta anos expondo com fidelidade e devoção a Palavra de Deus aos seus rebanhos. Seu crime é resistirem ao clamor universal por inovações. Portanto, esses homens bons têm de ceder lugar ao menu de aprimoramentos que pastores jovens e líderes fracos insistem em oferecer à igreja.

Outro fruto menos agourento desse novo estilo de vida da igreja é o surgimento, em nossa época, da rejeição da lei de Deus na vida prática. Alguém pode evitar referir-se a isso em detalhes; mas o fato evidente

é que os novos membros de igreja têm se revelado menos felizes em resistir à tentação do que os crentes antigos costumavam ser. Sem dúvida houve excesso de severidade na adoração pra-

ticada por igrejas do passado. Mas os crentes sentiam-se seguros. Eles não brincavam com a tentação. Não apelavam à carne. As pessoas vinham à casa de Deus com roupas estritamente adequadas e decoro completo. Infelizmente, isso não pode ser dito sobre muitos dos cultos modernos. Uma grande multidão diversificada na casa de Deus abaixa todo o nível da adoração. Todo pastor sabe que existem prejuízos morais resultantes dessa falta de santidade prática. Não deveria ser assim.

É uma consolação para as ovelhas

de Cristo não pastoreadas saberem que nos céus elas têm um Pastor que contempla seu estado. Precisam recordar sua verdadeira posição, retratada pelo Pastor em passagens bíblicas como Ezequiel 34. Estão solitárias por causa da incompetência e inaptidão de seus líderes. Os outros crentes não as amam nem desejam sua companhia, porque são muito espirituais para sua geração. Mas um dia Cristo exigirá de seus pastores negligentes uma explicação para essa negligência. Além disso, o próprio Senhor Jesus tomará para Si mesmo seu povo solitário e desprezado, outorgando-lhes sua graciosa presença, nesta e na vida por vir.

Os crentes solitários de nossos dias devem meditar nessas palavras maravilhosas: “Estou contra os pastores e deles demandarei as minhas ovelhas” (Ez 34.10); “Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as busca-

rei” (v. 11); “livrá-las-ei de todos os lugares para onde foram espalhadas no dia de nuvens e de escuridão” (v. 12); “apascentá-las-ei de bons pastos, e nos altos montes de Israel será a sua pastagem” (v. 14). “Eis que julgarei entre ovelhas e ovelhas, entre carneiros e bodes” (v. 17); “Eu, o Senhor, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi [Cristo] será príncipe no meio delas; eu, o Senhor, o disse” (v. 24).

Com tais promessas, quem não desejaria estar sozinho com Cristo por breve tempo nesse mundo?

■

A liderança abaixa os padrões de santidade para atrair grande número de pessoas.

■

Conhecimento Ineficaz

John Newton

Ser capacitado a formular uma consistente, ampla e clara opinião sobre as verdades reveladas nas Escrituras é um grande privilégio. Mas aqueles que o possuem estão sujeitos à tentação de pensarem exageradamente a respeito de si mesmos e menosprezarem os outros, em especial aqueles que não somente recusam adotar tais opiniões, mas também se opõem a elas. Existem poucos escritos sobre assuntos controversos que, embora excelentes em outros aspectos, não estão maculados por este espírito de superioridade.

E, se aqueles que não foram chamados para esse ministério (de escrever) examinarem atentamente a si mesmos, também perceberão este espírito de superioridade agindo em seus próprios corações. E, na medida que prevalece em nós, somos obrigados a reconhecer nossa culpa de ignorância e inconsistência, as quais estamos sempre dispostos a lançar sobre nossos oponentes. Para nos ajudar a corrigir este mal, não co-

nheço coisa melhor do que ponderar seriamente a respeito da admirável diferença que existe entre uma opinião adquirida e nossa conduta atual. Em outras palavras, quão pouca influência nosso conhecimento ou opiniões exercem sobre nosso comportamento. Isto confirma a verdade e a conveniência da observação do apóstolo Paulo: “Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber” (1 Co 8.2). Não que, necessariamente, nos tornamos insensíveis àquilo que o Senhor nos tem ensinado. Nem seria possível que assim fosse. Todavia, se julgarmos nosso conhecimento pelos seus resultados em nossas vidas, avaliando-o somente pelo seu valor experimental e prático (que é o padrão correto pelo qual devemos julgá-lo), descobriremos que ele é tão frágil e pobre; por isso, dificilmente merece ser considerado.

Por exemplo, com muita convicção estamos persuadidos de que Deus é onipresente. Ainda que en-

contremos grandes dificuldades em nossas idéias sobre este assunto, poucos a ele se opõem. Em geral, a onipresença de Deus é admitida por pessoas incrédulas e, podemos acrescentar, muito freqüentemente pelos crentes, como se tanto estes como aqueles não a conhecessem. Se os olhos do Senhor estão em todos os lugares, este pensamento deveria constituir uma grande proteção para a conduta

daqueles que professam ouvi-Lo. Sabemos como regularmente modificamos nossas atitudes quando estamos na presença de uma pessoa da qual dependemos ou que possui uma posição de superioridade sobre nós. Em tal circunstância, somos cuidadosos em corrigir nosso comportamento, evitando o que é impróprio ou ofensivo!

Não achamos estranho que, se temos extraído das Escrituras nossos conceitos sobre a majestade, a pureza e santidade divina, nos mostramos insensíveis na indizível obrigação de regular tudo que dizemos e fazemos de acordo com os seus preceitos? Não é estranho que em muitas ocasiões somos traídos por atitudes incorretas que não cometemos na presença de pessoas importantes e, talvez, mesmo de crianças? Inclusive quando estamos orando, por meio do que professamos nos aproximar do Senhor, a consideração de que os olhos do Senhor estão sobre nós manifesta ter pouca capacidade de prender nossa atenção ou impedir que nossos pensamentos vagueiem, à semelhança dos

olhos de um tolo, por todos os lugares da terra. O que devemos pensar de alguém que, ao ser recebido na presença de um rei, para tratar de um importante assunto, interromperá a audiência para caçar uma borboleta? Se tivermos tal momento de fraqueza, ela servirá apenas como um frágil exemplo das inconsistências com as quais se acusam, na oração, aqueles que conhecem seus pró-

prios corações. Eles não são completamente ignorantes do fato que atitude de espírito é necessária para que o pecador se aproxime de Deus, diante de Quem os anjos foram representados como seres que cobrem suas faces.

Entretanto, desafiando este nobre conceito sobre Deus, a atenção de tais pessoas é desviada daquele com quem terão de prestar contas para as mais insignificantes trivialidades. Incapazes de reconhecer a Presença da qual confessam estar cercados, falam como se estivessem proferindo palavras ao ar. Além disso, se nosso senso de que Deus está sempre presente fosse, em boa medida, proporcional àquilo que professamos, este senso nos preservaria com eficiência de muitos temores inoportunos e sem fundamento, com os quais às vezes somos afligidos! Deus disse: “Não temas, eu estou contigo”; Ele prometeu ser um escudo e guardar todos que confiam nEle. Porém, embora professemos crer em sua Palavra e esperar que Ele seja nosso protetor, raramente nos sentimos seguros, ao

— ■ —

*Atitude de espírito
é necessária para
que o pecador se
aproxime de Deus.*

— ■ —

enfrentar qualquer perigo, mesmo quando estamos cumprindo nossos deveres. Temos pouca razão para valorizar nosso conhecimento sobre esta inquestionável verdade, quando ela não exerce uma eficaz e habitual influência sobre nossa conduta.

De maneira semelhante, a doutrina da soberania de Deus, ainda que receba menos atenção do que a anterior, não é menos aceita entre os que se chamam calvinistas. Em nossos debates com os arminianos, defendemos com zelo este assunto doutrinário, estando dispostos a nos admirarmos de que alguém seja tão endurecido de coração, ao ponto de questionar o direito do Criador para fazer o que deseja com aquilo que Lhe pertence. Enquanto estamos engajados em defender a eleição incondicional, convencidos pelos argumentos que as Escrituras nos oferecem em apoio a esta verdade e nutridos pela confortável esperança de que nós mesmos pertencemos ao número dos eleitos, dificilmente evitamos acusar nossos inimigos, chamando-os orgulhosos, perversos e obstinados, porque se opõem à eleição incondicional. Sem dúvida, esta oposição se fundamenta no orgulho do coração humano, mas este maldoso princípio não está limitado apenas a um grupo; também ocasionalmente surge quando aqueles que contendem em favor da soberania divina são mais influenciados pelo

orgulho do que seus oponentes. Esta humilhante doutrina requer submissão à vontade de Deus, em todas as circunstâncias da vida, bem como demanda nossa anuência ao propósito divino em demonstrar sua misericórdia. Mas, infelizmente, com muita freqüência nos vemos completamente incapazes de aplicá-la a nós mesmos, de modo a conciliar nossos espíritos com as aflições que Deus se agrada em nos conceder. Quando somos capazes de afirmar, sendo exercitados na pobreza ou em graves perdas e sofrimentos: “Fiquei calado e não abri meus lábios, porque Tu fizestes estas coisas”, somente então, e não antes, mostramos estar realmente convencidos de que Deus tem o soberano direito de dispor nossa vida e todas as suas circunstâncias conforme Lhe agrada. Em tais ocasiões, o argumento que habitual e corretamente oferecemos aos outros, como suficientes para silenciar todas as suas objeções, recai sobre nós: “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?” Esta é uma prova evidente de que nosso conhecimento é mais nocional do que experimental. Que inconsistência demonstramos ao achar difícil nos sujeitarmos àquilo que Deus permite para nós mesmos, em questões indizivelmente menos importantes, enquanto pensamos que Ele é justo e

■

*Esta humilhante doutrina
requer submissão
à vontade de Deus, em
todas as circunstâncias
da vida.*

■

correto em reter dos outros as coisas que contribuem ao eterno regozijo deles!

As circunstâncias que o Senhor envia para os que O temem não apenas procedem de sua soberania, mas também de sua sabedoria e graça. Deus uniu o bem-estar dos salvos à sua própria glória, estando comprometido, por sua própria promessa, a fazer todas as coisas cooperarem juntas para o benefício deles. Deus escolhe para o seu povo circunstâncias melhores do que eles mesmos poderiam escolher. Se estão passando por aflições, existe uma razão de ser para estas; e nada Ele retém de seu povo, exceto aquilo que, no âmbito geral, é melhor eles não possuírem. Assim nos ensinam as Escrituras, e assim nós professamos crer.

Com estes princípios em nossos corações, não erramos ao sugerir motivos que trazem consolo e paciência ao nossos irmãos que se encontram em aflições; podemos assegurar-lhes, sem hesitação, que, se confiam nas promessas, suas preocupações estão em mãos seguras; também podemos dizer-lhes que as circunstâncias presentes, que não trazem alegria e sim tristeza, no devido tempo produzirão os frutos pacíficos de justiça; e o consolo e a misericórdia são tão certos quanto as provações. Através da história de José, Davi, Jó e outras relatadas nas Escrituras, podemos provar-lhes que, apesar de quaisquer situações tenebrosas do presente, com certeza as coisas sairão bem para o crente. Deus pode retificar os caminhos escabrosos, e, com freqüência, Ele produz o maior benefício utilizando

eventos que consideramos ruins. Disto podemos inferir não apenas a pecaminosidade mas também a tolice de encontrar erro em qualquer das circunstâncias que Deus nos concede. Podemos dizer aos que estão passando por aflições que os piores sofrimentos do tempo presente não são dignos de ser comparados com a glória que será revelada; portanto, estando sob grandes pressões, eles devem chorar como pessoas que esperam em breve ter enxugadas todas as suas lágrimas. Mas, quando nós mesmos estamos passando por provações, sendo atribulados por todos os lados ou afligidos em uma área muito querida de nossas vidas, quão difícil é sentirmos a força destes argumentos, embora saibamos que são verdadeiros! Por conseguinte, a menos que sejamos capacitados com novo vigor procedente do alto, estamos sujeitos a lamentar e desanimar, como se pensássemos que nossas aflições surgiram da terra e que o Senhor esqueceu-se de ser gracioso.

É possível mostrar a diferença entre nosso discernimento, quando se encontra bastante iluminado, e nossa atual experiência em relação a toda verdade espiritual. Sabemos que não existe proporção entre o tempo e a eternidade, Deus e suas criaturas, o favor do Senhor e o desgosto e bondade do homem. Entretanto, quando estas coisas são colocadas em íntima competição, temos de permanecer firmes no caminho do dever; mas, se não recebermos novas provisões de graça, estejamos certos de que cairemos na hora da provação, e nosso conhecimento não terá outro

efeito além de tornar nossa culpa mais injustificável. Parecemos estar certos de que somos criaturas fracas, pecadoras, imperfeitas; no entanto, somos propensos a agir como se fôssemos sábios e bons. Em resumo, não podemos negar que grande parte de nosso conhecimento, conforme já descrevemos, assemelha-se à luz da lua, destituída de calor e influência. E dificilmente podemos evitar pensamentos elevados a respeito de nós mesmos por causa de tal conhecimento.

Assim como o salmista, devemos perguntar: “Senhor, que é o homem?” Sim, que enigma, que criatura inconsistente é o crente! Ele conhece a si mesmo; ele conhece ao seu Senhor. Seu entendimento foi iluminado para assimilar e contemplar os grandes mistérios do evangelho. O crente tem idéias corretas sobre a malignidade do pecado, a vaidade do mundo, a beleza da santidade e a natureza da felicidade. Ele era trevas, mas agora é luz no Senhor; tem acesso ao Pai por intermédio de Jesus Cristo, ao qual o crente está unido e nEle vive pela fé. Enquanto os princípios que ele recebeu são renovados pela agência do Espírito Santo, ele pode fazer todas as coisas. Ele é humilde, gentil, paciente, fiel. Regozija-se nas aflições, triunfa nas tentações, vive em harmonia com as antecipações da glória eterna e não considera nada como precioso neste mundo, desde que possa glorificar a Deus, seu Salvador, e terminar sua

— ■ —

Deus uniu o bem-estar dos salvos à sua própria glória.

— ■ —

vida com alegria. Mas a sua força não está em si mesmo; ele é absolutamente dependente, cercado por enfermidades e afligido por uma natureza corrompida. Se o Senhor retirar o Seu poder, o crente se torna fraco como qualquer outro homem e afunda, assim como uma rocha cai sobre a terra por causa de seu próprio peso. O conhecimento íntimo do crente pode ser comparado à janela de uma casa, que pode transmitir luz, mas não pode retê-la. Sem as renovadas e constantes comunicações provenientes do Espírito Santo, o crente é incapaz de resistir a menor tentação, suportar a mais leve provação, realizar o mais insignificante serviço da maneira correta ou mesmo nutrir bons pensamentos. O crente sabe disso, porém o esquece com frequência. Mas o Senhor o faz recordar-se, por suspender aquela assistência sem a qual o crente nada pode fazer. Então, ele percebe o que realmente é e, com facilidade, se previne contra a atitude de agir contra o seu melhor conhecimento. Essa constante percepção de sua própria fraqueza o ensina progressivamente onde sua força se encontra: ela não está em qualquer coisa que ele mesmo já conquistou ou possa declarar que lhe pertence; está na graça, poder e fidelidade do Salvador. O crente aprende a deixar de confiar em seu próprio raciocínio, a se envergonhar de seus próprios esforços, a aborrecer a si mesmo, no pó e na cinza, e a glorificar apenas o Senhor.

Disto podemos observar o seguinte: os crentes que possuem mais conhecimento não são, necessariamente, os mais espirituais. De fato, alguns são capazes e realmente vivem de maneira mais honrável e tranqüila com dois talentos do que outros que têm cinco talentos. Aquele que conhece sua própria fraqueza e depende somente do Senhor, com certeza florescerá, embora sejam pequenas suas realizações e habilidades já conseguidas. E aquele que

possui os maiores dons, discernimentos mais claros e amplo conhecimento, se alimentar pensamentos elevados acerca de suas vantagens, está no iminente perigo de errar e cair, pois o Senhor não permitirá que seus amados gloriem-se em si mesmos. Ele guia os humildes, supre os famintos com coisas boas e despede com mãos vazias os abastados. E aquele que se humilha Ele exalta.

Fé e Visão

John Owen

Nenhum homem jamais contemplará a futura glória de Cristo por meio de *seus olhos*, exceto aquele que pela *fé* a contempla agora neste mundo. A graça é um requisito necessário para desfrutarmos da glória vindoura; e a fé, para a contemplarmos. A pessoa que não está previamente habilitada pela graça e pela fé não será capaz de desfrutar e contemplar a glória eterna. Não! Pessoas que não foram preparadas para aquela glória são incapazes de desejá-la, mesmo que pretendam; apenas iludem suas próprias almas imaginando que desejam aquela glória. Muitas pessoas afirmam com segurança que desejam *estar com Cristo e contemplar sua glória*; todavia, são incapazes de apresentar os motivos por que desejam tal coisa — apenas imaginam que isto é melhor do que estarem naquela terrível condição de serem lançados no inferno para todo o sempre, quando não estiverem mais nesta vida. Se alguém alega desejar intensamente ou estar fascinado por algo que jamais viu ou lhe foi apresentado, tal pessoa vangloria-se em suas próprias imaginações. E os pretensiosos desejos que algumas pessoas alegam possuir no que se refere a contemplarem a glória de Cristo no céu, sem a terem visto pela fé, enquanto encontram-se neste mundo, são apenas imaginações ilusórias.

Alimentando as Ovelhas ou Divertindo os Bodes

C. H. Spurgeon

Existe um mal entre os que professam pertencer aos arraiais de Cristo, um mal tão grosseiro em sua imprudência, que a maioria dos que possuem pouca visão espiritual dificilmente deixará de perceber. Durante as últimas décadas, esse mal tem se desenvolvido em proporções anormais. Tem agido como o fermento, até que toda a massa fique levedada. O diabo raramente criou algo mais perspicaz do que sugerir à igreja que sua missão consiste em prover entretenimento para as pessoas, tendo em vista ganhá-las para Cristo. A igreja abandonou a pregação ousada, como a dos puritanos; em seguida, ela gradualmente amenizou seu testemunho; depois, passou a aceitar e justificar as frivolidades que estavam em voga no mundo, e no passo seguinte, começou a tolerá-las em suas fronteiras; agora, a igreja as adotou sob o pretexto de ganhar as multidões.

Minha primeira contenção é esta: as Escrituras não afirmam, em nenhuma de suas passagens, que prover entretenimento para as pessoas é uma função da igreja. Se esta é uma obra cristã, por que o Senhor Jesus não falou sobre ela? “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.15) — isso é bastante claro. Se Ele tivesse acrescentado: “E ofereci entretenimento para aqueles que não gostam do evangelho”, assim teria acontecido. No entanto, tais palavras não se encontram na Bíblia. Sequer ocorreram à mente do Senhor Jesus. E mais: “Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres” (Ef 4.11). Onde aparecem nesse versículo os que providenciariam entretenimento? O Espírito Santo silenciou a respeito deles. Os profetas foram perseguidos porque divertiam as pessoas

ou porque recusavam-se a fazê-lo? Os concertos de música não têm um rol de mártires.

Novamente, prover entretenimento está em direto antagonismo ao ensino e à vida de Cristo e de seus apóstolos. Qual era a atitude da igreja em relação ao mundo? “Vós sois o sal”, não o “docinho”, algo que o mundo desprezará. Pungente e curta foi a afirmação de nosso Senhor: “Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos” (Lc 9.60). Ele estava falando com terrível seriedade!

Se Cristo houvesse introduzido mais elementos brilhantes e agradáveis em seu ministério, teria sido mais popular em seus resultados, porque seus ensinamentos eram perscrutadores. Não O vejo dizendo: “Pedro, vá atrás do povo e diga-lhe que teremos um culto diferente amanhã, algo atraente e breve, com pouca pregação. Teremos uma noite agradável para as pessoas. Diga-lhes que com certeza realizaremos esse tipo de culto. Vá logo, Pedro, temos de ganhar as pessoas de alguma maneira!” Jesus teve compaixão dos pecadores, lamentou e chorou por eles, mas nunca procurou diverti-los. Em vão, pesquisaremos as cartas do Novo Testamento a fim de encontrar qualquer indício de um evangelho de entretenimento. A mensagem das cartas é: “Retirai-vos, separai-vos e purificai-vos!” Qualquer coisa que tinha a aparência de brincadeira evidentemente foi deixado fora das cartas. Os apóstolos tinham confiança irrestrita no evangelho e não utilizavam outros instrumentos. Depois que Pedro e João foram encarcerados

por pregarem o evangelho, a igreja se reuniu para orar, mas não suplicaram: “Senhor, concede aos teus servos que, por meio do prudente e discriminado uso da recreação legítima, mostremos a essas pessoas quão felizes nós somos”. Eles não pararam de pregar a Cristo, por isso não tinham tempo para arranjar entretenimento para seus ouvintes. Espalhados por causa da perseguição, foram a muitos lugares pregando o evangelho. Eles “transtornaram o mundo”. Essa é a única diferença! Senhor, limpe a igreja de todo o lixo e baboseira que o diabo impôs sobre ela e traga-nos de volta aos métodos dos apóstolos.

Por último, a missão de prover entretenimento falha em conseguir os resultados desejados. Causa danos entre os novos convertidos. Permitam que falem os negligentes e zombadores, que foram alcançados por um evangelho parcial; que falem os cansados e oprimidos que buscaram paz através de um concerto musical. Levante-se e fale o alcoólatra para quem o entretenimento na forma de drama foi um elo no processo de sua conversão! A resposta é óbvia: a missão de prover entretenimento não produz convertidos verdadeiros. A necessidade atual para o ministro do evangelho é uma instrução bíblica fiel, bem como ardente espiritualidade; uma resulta da outra, assim como o fruto procede da raiz. A necessidade de nossa época é a doutrina bíblica, entendida e experimentada de tal modo, que produz devoção verdadeira no íntimo dos convertidos.

A Igreja: Crescimento e Sucesso

Iain Murray

(Será um dos preletores da XVI Conferência Fiel - ano 2000)

Todos os crentes concordam com a verdade de que a igreja foi instituída para crescer. Ela tem de crescer em número. Jesus estabeleceu essa missão para a igreja, quando disse: “Sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8); ou: “Será pregado este evangelho do reino por todo o mundo” (Mt 24.14). E, à medida que o evangelho é pregado, cumpre-se a promessa de que a igreja se multiplicará. Deus, o Pai, disse ao Cabeça da Igreja: “Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão” (Sl 2.8). “Nele sejam abençoados todos os homens, e as nações lhe chamem bem-aventurado” (Sl 72.17). O número final dos redimidos será imenso, estupendo — mais do que as estrelas do céu ou a areia na praia do mar — “De todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7.9).

Ao mesmo tempo que todos os

crentes concordam que a igreja tem de crescer, não existe a mesma concordância quanto à maneira como ocorre esse crescimento e progresso. Nos últimos vinte anos, muito se tem dito a respeito desse assunto, e muitos livros foram escritos sobre “como fazer a igreja crescer”. Frequentemente tais livros começam relatando a história de uma igreja onde tem ocorrido um notável crescimento numérico e, em seguida, apresentam orientações sobre como o mesmo pode se realizar em outras igrejas. Às vezes, nesses livros, a psicologia é tão importante quanto o evangelho. Lembro-me de haver lido um artigo em determinada revista evangélica que afirmava: se temos de ganhar os outros para Cristo, a principal coisa a fazer é despertarmos seu interesse por aquilo que temos. Ao afirmar isso, o autor argumentou, o maior obstáculo a ser vencido é atrair a atenção de homens e mulheres que no momento estão ocupados e preo-

cupados com outras coisas. Portanto, temos de conquistar a atenção deles, e o caminho para fazê-lo é utilizarmos uma das quatro chaves que correspondem às quatro coisas que as pessoas mais desejam: (1) felicidade e auto-preservação; (2) dinheiro; (3) amor; (4) reconhecimento. “Uma dessas”, ele garantiu, “será a grande razão para alguém ouvir aquilo que você está procurando comunicar”.

Existem inumeráveis variações desse tipo de conselho. Uma quinta chave, bastante popular hoje, é a música. Todos os tipos de instrumentos musicais foram introduzidos subitamente no culto de muitas igrejas. E a esperança é que esses instrumentos serão um auxílio para atrair os incrédulos aos cultos de nossas igrejas.

Minha sugestão é que a presente confusão sobre o que se pensa a respeito de crescimento da igreja surgiu porque, com freqüência, o crescimento é abordado como um assunto isolado. Mas o crescimento de igreja não deve ser discutido, enquanto não houver primeiramente um entendimento daquilo que a igreja é e de como alguém se torna um de seus membros. Quando essas verdades fundamentais não ocupam a prioridade, os conceitos sobre crescimento de igreja seguem na direção

*O crescimento de igreja
não deve ser discutido,
enquanto não houver
primeiramente um
entendimento daquilo
que a igreja é e de como
alguém se torna um
de seus membros.*

errada. Um famoso evangelista americano, ao falar por que os crentes devem utilizar publicidade, disse: “Temos o melhor produto do mundo para vendermos — a salvação das almas dos homens, por intermédio de Cristo. Porque não deveríamos vendê-lo de maneira tão eficiente quanto o promover a venda de barras de sabão?” Considerada por si mesma, tal afirmativa parece muito razoável. Somente quando levamos em conta uma questão prioritária, percebemos que algo está errado:

O que é um crente e como alguém se torna um verdadeiro crente? Eis a resposta do Novo Testamento: um crente é alguém que chegou a experimentar o infinito poder do Senhor Jesus Cristo, perdendo-o e concedendo-lhe uma nova vida. O que está impedindo as pessoas de chegarem a tal conhecimento? O terrível poder da depravação humana. Algo muito diferente de apenas interessar as pessoas a comprarem barras de sabão está envolvido neste assunto. Homens e mulheres são escravos espontâneos dos poderes demoníacos; amam as trevas, e não a luz. Quando falamos sobre crescimento de igreja, não estamos discorrendo primariamente a respeito da vida humana e dos interesses por coisas naturais. Estamos confrontando um

adversário sobrenatural; por conseguinte, precisamos ter poder sobrenatural. A conversão significa ser trazido “das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus” (At 26.18). Onde se crê nessa verdade, haverá o mesmo efeito prático na maneira como evangelizamos, assim como houve no ministério do apóstolo Paulo: “Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis [armas comuns à natureza humana caída], e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas” (2 Co 10.3-4).

Ao tratarmos do crescimento de igreja, devemos salientar um tema importante. Quando abordamos este assunto, temos a tendência inicial de pensar em líderes, pregadores e missionários eminentes que foram levantados para fazer avançar a causa de Cristo. Esses homens desempenharam um papel importante no progresso da igreja e deveríamos orar para que Deus nos concedesse mais homens desse tipo. No entanto, podemos colocar ênfase excessiva em tais pessoas e menosprezar um fato muito evidente no Novo Testamento.

1. O crescimento e o progresso da igreja dependem amplamente de toda a comunidade de crentes.

Atos dos Apóstolos demonstra isso constantemente. Na igreja apostólica de Jerusalém havia pregadores poderosos. O que, então, fizeram os demais crentes? Seu ministério era apenas ouvir, ser espectadores? Absolutamente, não. Conforme nos mostra Atos 2.40-47,

cujo título poderia ser “Um Crescimento Vital da Igreja”, todos os crentes de Jerusalém eram ativos, compartilhavam e adoravam a Deus. Não acontecia que alguns falavam e todos os outros simplesmente assistiam às reuniões. Todos eram participantes e cooperadores. O mesmo pode ser visto em Atos 4. E a grande importância de que eles tivessem tais atitudes se torna evidente em Atos 8.1: “Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria”. Nessa ocasião, houve uma crise para a igreja. Os crentes repentinamente ficaram sem os seus líderes, mas sabemos qual foi o resultado — “Iam por toda parte pregando a palavra”. Isto não significa que eles eram pregadores oficiais; eram homens e mulheres fazendo aquilo que estiveram fazendo antes: testemunhando, testificando, servindo a Cristo, falando sobre a Palavra de Deus. O resultado foi que a igreja de Jerusalém multiplicou-se em outros lugares: “A igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judéia, Galiléia e Samaria, edificando-se e caminhando no temor do Senhor, e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número” (At 9.31).

Quando o evangelho alcançou os gentios pela primeira vez, a mesma coisa se repetiu. Paulo não viajou de um lugar ao outro, ficando satisfeito, se houvesse conversões individuais. Ele almejava ver igrejas estabelecidas, comunidades de crentes que em si mesmas seriam capazes de levar avante a obra de evangelização,

quando ele estivesse ausente. Paulo desejava ter igrejas que multiplicariam a si mesmas; não pretendia estabelecer assembléias estáticas e imóveis, e sim centros doadores de vida espiritual, fontes de onde rios de bênçãos espirituais fluiriam para os outros. E foi isso mesmo que aconteceu. Atos 16.5 nos diz: “Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número”. Em Tessalônica havia uma igreja desse tipo. Paulo disse que uma grande oportunidade lhe fora oferecida na Grécia, porque o testemunho da igreja havia se espalhado, pelos lábios dos crentes, em muitos quilômetros além: “Porque de vós repercutiu a palavra do Senhor não só na Macedônia e Acaia, mas também por toda parte” (1 Ts 1.8). O apóstolo não precisou relatar o que Deus havia feito, as notícias chegaram antes dele. “Por toda parte se divulgou a vossa fé para com Deus”, escreveu Paulo, “a tal ponto de não termos necessidade de acrescentar coisa alguma” (1 Ts 1.8).

O quadro que o Novo Testamento nos apresenta não é o de Cristo agindo através de alguns poucos homens, oficialmente chamados para pregar, e sim através de todos os membros de seu corpo. Encontramos outro vislumbre dessa verdade na maneira como Paulo descreve pessoas, ao término de sua epístola aos romanos. Ele enviou saudações a diversos homens e mulheres que ele já conhecia e considerava cooperadores no reino de Deus: “Saudai Priscila e Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus... Saudai Maria, que muito trabalhou por vós... Saudai Urbano,

que é nosso cooperador em Cristo... Saudai Trifena e Trifosa, as quais trabalhavam no Senhor. Saudai a estimada Pérside, que também muito trabalhou no Senhor.” (Rm 16.12.)

Esse mesmo princípio tem sido admiravelmente demonstrado na história da igreja. Não há crescimento em igrejas que dependem de algumas poucas pessoas e os demais membros são espectadores. Sempre existe progresso e multiplicação em igrejas cujos membros são vibrantes e intentam servir a Cristo. Citamos um exemplo dessa realidade:

A evangelização de milhares de ilhas do sul do Pacífico iniciou-se com a conversão de John Williams em 1814, na igreja de George Whitefield, em Londres. Alguns anos depois, John Williams viajou para as remotas ilhas dos canibais no Pacífico, onde receberia o nome de o “Apóstolo da Polinésia”. Após semear com paciência o evangelho, ele foi maravilhosamente abençoado nas ilhas Cook, Samoa e Tonga. Mas Williams sempre pensava nos povos mais distantes e, em 1839, decidiu chegar às ilhas das Novas Hébridas (atualmente, Vanuatu), onde intensos poderes demoníacos reinavam sem perturbação. John Williams aportou na ilha de Erromanga em 20 de novembro de 1839; mas, em menos de uma hora, os canibais o mataram e comeram seu corpo. De que maneira essa terrível perda afetou as igrejas estabelecidas por Willimas na Polinésia? Encheu-lhes de grande compaixão por aqueles servos de Satanás, que eram seres humanos semelhantes a eles. Mais de cem crentes nativos se ofereceram como voluntários para

alcançar as ilhas onde seu pastor havia sido morto. Admite-se que, no espaço de dezesseis anos, entre cinqüenta e sessenta dos voluntários foram mortos, por enfermidades ou por assassinato, nas Novas Hébridas.

Como resultado de muita fidelidade e de um valioso testemunho, durante onze anos, finalmente foi estabelecido um ponto de pregação na ilha de Aneityum e, em 1852, se formou uma igreja. Aneityum era a que estava mais ao sul de todas as ilhas das Novas Hébridas, possuía oitenta quilômetros de circunferência e uma população de 4.000 pessoas. Em seu caráter moral, essas ilhas eram iguais. O povo era animista, adorava os espíritos, vivia em temor dos espíritos e tinham medo uns dos outros. Lutas entre as tribos eram freqüentes.

Todo homem carregava uma arma, pois ódio e vingança eram as atitudes em que viviam. A vida não tinha valor. Praticavam o aborto; e os doentes e ido-

sos poderiam ser sepultados vivos. A vida das mulheres era completamente degradada. Poderiam ser estranguladas por ocasião da morte de seus maridos. O marido não dormiria em sua choça, à noite, com sua mulher, e sim entre os porcos, visto que estes eram símbolo de grande status. Acreditava-se que a posição de um homem no mundo por vir dependia da quantidade de porcos que fossem mortos por ocasião de sua

morte; e os espíritos dos porcos iriam adiante do falecido.

Podemos imaginar que, se uma igreja seria estabelecida a partir desse tipo de pessoa, isto aconteceria somente depois de alguns anos, após seus membros se tornarem cooperadores e testemunhas eficazes. Mas não foi assim. Logo que homens e mulheres se tornavam novas criaturas em Cristo, desejavam compartilhar sua fé com os outros; e isso ocorreu de maneira admirável na recém-formada igreja de Aneityum. Em menos de trinta anos após sua formação, ela enviou às demais ilhas de canibais mais de duzentos missionários, homens e mulheres. Essa nobre igreja, em anos recentes, recebeu um nome honroso; foi corretamente chamada

de “Antioquia do Pacífico”.

Precisamos prosseguir para um segundo princípio de crescimento da igreja. Não basta afirmar que a igreja tem de propagar a si mesma; de-

vemos também perguntar: por que isso não acontece sempre? Existem igrejas que parecem ser completamente incapazes de multiplicarem-se; têm pouca ou nenhuma influência sobre os incrédulos. Parecem estáticas e imperceptíveis pelo mundo ao seu redor. Como podemos explicar isso?

*Paulo desejava ter igrejas
que multiplicariam a si
mesmas; não pretendia
estabelecer assembleias
estáticas e imóveis...*

2. Igrejas que crescem possuem vida espiritual sustentada pela constante

comunhão com Cristo, por intermédio do Espírito Santo.

É falso todo ensino que promete crescimento, se os crentes apenas utilizarem certos métodos. A vida cristã inicia de maneira sobrenatural e somente produz fruto e utilidade quando o próprio Senhor Jesus a sustém. Quanto a este assunto, John L. Nevius, fundador de várias agências missionárias na China, apresenta alguns conselhos sábios e relevantes em seu livro sobre igrejas mis-

sionárias. Ele afirma: “Devemos procurar o melhor método de trabalho. Porém, o melhor método sem a presença do Senhor Jesus e o Espírito da verdade será inútil. Um método ruim pode ser tão ruim, que se torna ilógico esperar que receba a bênção de Deus. Um método correto e bíblico, se confiarmos nele como nosso principal fundamento de esperança, pode ser utilizado durante muito tempo sem que produza qualquer bom resultado”.

Cristo tem em suas mãos o poder para abençoar e expandir sua igreja. Para que nossas vidas sejam eficientes em trabalhar para sua glória, permanecemos em constante necessidade de novas capacitações do Espírito Santo; e foram justamente tais capacitações que caracterizaram a igreja apostólica. Já falei sobre o espírito de utilidade que identificava a vida dos membros simples da igreja, mas nas Escrituras somos constantemente lembrados acerca do

que os tornou mais do que pessoas “simples”.

Atos 4.3 nos informa que toda a igreja orava e, “tendo eles orado... todos ficaram cheios do Espírito Santo”. E o resultado visível na vida dos crentes foi unidade e ousadia. Lucas nos diz que “em todos eles

havia abundante graça”. Isto não significa que todos os crentes possuíam a mesma medida dos dons e da capacitação do Espírito Santo, mas a sua presença caracterizava todos eles. Encontramos a mesma coisa nas igrejas novas que surgiram da dispersão da igreja de Jerusalém. Atos 9.31 relata que “a igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judéia, Galiléia e Samaria, edificando-se e caminhando no temor do Senhor, e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número”. De modo semelhante, Lucas vincula a eficácia do ministério de Barnabé, em Antioquia, ao fato de que ele “era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé” (At 11.24).

Estas passagens nos ensinam que o crescimento numérico nunca foi abordado, no Novo Testamento, como o interesse primário da igreja. A vida espiritual da igreja tinha a prioridade. A igreja participava da vida de Cristo. O mais poderoso testemunho da igreja ao mundo é o resultado da vida que ela desfrutava; e, quanto mais profundamente desfrutava essa vida, tanto mais a igreja causará impressão no mundo. Em Atos 4.13,

— ■ —
*Quanto mais o crente
 procura conhecer a
 Cristo e viver nEle,
 tanto maior será
 a sua utilidade.*
 — ■ —

Lucas nos mostra que, ao verem os discípulos, os judeus “reconheceram que haviam eles estado com Jesus”. Em 2 Coríntios 4, Paulo nos fala sobre os crentes como “vasos de barro”. No entanto, ele afirma que o propósito de Deus é que a vida de Jesus “se manifeste [torne-se evidente] em nosso corpo”. Este é o mesmo ensino notável que encontramos na pregação do próprio Senhor Jesus. Ele disse que, por meio da maneira como os crentes vivem, Deus será glorificado (Mt 5.16). E a eficiência de nossas vidas no serviço de Cristo resulta daquilo que recebemos: “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7.38). Quanto mais o crente procura conhecer a Cristo e viver nEle, tanto maior será a sua utilidade.

Portanto, no Novo Testamento, santidade e frutificação andam inseparavelmente juntas. Por exemplo, pense sobre a igreja de Filipos. Paulo disse que o testemunho evangélico era uma característica de toda a igreja; “na defesa e confirmação do evangelho”, todos os crentes de Filipos eram participantes da graça juntamente com ele (Fp 1.7). E insistiu que continuassem “lutando juntos pela fé evangélica”; a grande maneira de fazer isso era viverem, “acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo” (Fp 1.27). Isto significa, Paulo adiante lhes disse, viver de conformidade com a mente de Cristo, o que não é uma impossibilidade, “porque Deus é quem” age em vós. Os crentes de Filipos precisavam dessa segurança. A cidade em que moravam se encontrava nas

trevas do paganismo. Ali havia adivinhadores, ambiciosos e pessoas dispostas ao suicídio. Ali haviam sido colocados aqueles crentes como “filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo” (Fp 2.15); a igreja cresceria por meio do esplendor daqueles luzeiros iluminando as trevas de Filipos. Conforme disse R. L. Dabney: “A luz de um viver santo é o maior argumento do evangelho”.

Abordando este mesmo assunto, Floyd E. Hamilton escreveu em um artigo sobre “O Crescimento Sobrenatural da Igreja”:

“Até ao tempo em que chegou a ser a principal religião do império, pouco antes de Constantino tornar-se imperador, o cristianismo nunca propagou-se por meio da força. Começando com um pequeno e humilde grupo de seguidores de Cristo, desde o início o cristianismo foi propagado de maneira pessoal, no contato individual entre os crentes e os incrédulos. Onde quer que os crentes fossem, levavam consigo a mensagem do evangelho, transmitida tanto por suas vidas e exemplo quanto pelos seus lábios. Todo crente era um missionário em cada minuto de sua vida. O fogo sagrado, aceso nos corações de muitos escravos, espalhou-se, à semelhança de um incêndio florestal, atingindo os corações dos mais elevados membros da sociedade romana; e espalhou-se de um modo tão silencioso e desimpedido, que o governo romano foi incapaz de perceber seu crescimento. As vitórias do cristianismo foram

conquistadas por meio do persuasivo poder dos lábios e das vidas dos crentes, encontrando uma resposta correspondente nos corações vivificados pelo Espírito de Deus”.

Agora desejamos observar duas características peculiares das igrejas que são utilizadas por Deus para multiplicarem a si mesmas; pretendemos ilustrar essas características citando exemplos da história da igreja.

(1) O constrangedor amor de Cristo está sempre poderosamente presente onde os crentes são dotados com o Espírito Santo. O Senhor Jesus está cheio de compaixão; e, onde habita o seu Espírito, ali existe amor. O fruto do Espírito é amor. Quanto mais houver da graça de Cristo em nossos corações, tanto mais fervoroso será esse amor.

Como isso é verdadeiro nas igrejas mencionadas no livro de Atos dos Apóstolos! O sacrifício e os sofrimentos deles por Cristo eram fruto desse amor. Estêvão, por exemplo, era “cheio do Espírito Santo” (At 7.55). Isto resultou em que, quando estava para ser apedrejado até morrer, ele se ajoelhou e orou por seus perseguidores. Essa mesma atitude sempre caracterizou todos os avanços missionários da igreja. Isso foi exemplificado com beleza na história de evangelização da ilhas Novas Hébridas. Dr. Graham Miller, um missionário que trabalhou naquelas ilhas, escreveu sobre o extraordinário espírito da primeira igreja em Aneityum (uma das ilhas):

“Possivelmente em nenhum lugar do mundo uma igreja tão pequena

enviou tanto obreiros, tendo o amor de Cristo como sua grande motivação... Esses obreiros foram homens e mulheres de posição, os melhores que a igreja poderia oferecer. Todos partiram... enviados pela Fonte daquele amor, de modo que sua obra missionária foi espontânea, firme e bem-sucedida. Foi um amor que não conheceu empecilhos, não levou em conta as dificuldades, foi bondoso e sofredor, não se comportou de maneira inconveniente e suportou tudo. E, quando lhes foi exigido o maior sacrifício de amor, eles o deram”.

Poderia citar numerosos exemplos. Mencionarei apenas dois missionários americanos, John e Betty Stam, que foram executados pelos comunistas na China em 1934. Betty Stam expressou sua opinião nessas palavras:

“Ninguém pode forçar um cristão nominal ou um pagão a se converter a Cristo. Tudo que os seguidores de Cristo têm de fazer, tudo que podem fazer, é exaltá-Lo diante do mundo, trazendo-O aos cantos mais obscuros da terra, onde Ele é desconhecido, apresentá-Lo àqueles que não O conhecem, falar sobre Ele a todos os homens e viverem em profunda intimidade com Ele, a fim de que os outros percebam que Jesus realmente existe, porque algumas pessoas o comprovam por serem semelhantes a Ele”.

(2) Se, ao considerar as epístolas do apóstolo Paulo, alguém ainda não sabe qual é o segundo fruto do Espírito, creio que logo o descobrirá em todas as épocas em que a igreja

está crescendo; e esse segundo fruto acompanha o amor. “O fruto do Espírito é... alegria.” Esse fruto celestial sempre se encontra em uma igreja que está crescendo. “A alegria do Senhor é a vossa força” (Ne 8.10). Comentando essa verdade, C. R. Vaughan escreveu: “Com certeza, se todos os crentes fossem tão felizes quanto deveriam ser, não haveria qualquer resistência à propagação de uma fé tão visivelmente rica em poder e bênçãos”.

3. *Enquanto a propagação do evangelho é uma obra de toda a igreja, os pastores e mestres têm uma responsabilidade especial.*

É possível exagerar ou subestimar a obra do ministro cristão. Se a exageramos, invariavelmente desaparece o conceito de que toda a igreja é uma agência evangelística. Os membros das igrejas se tornam um pouco mais do que ouvintes passivos de sermões. Esse perigo tem se espalhado amplamente e ainda prevalece em nossas igrejas. Entretanto, em reação a essa atitude, outros crentes têm atribuído tanta ênfase ao que eles chamam de “ministério corporativo”, que se torna duvidoso se o papel tradicional do pastor ou pregador é realmente necessário. Qual deve ser, então, a função dos pastores no que se refere ao crescimento da igreja? Se a principal obra tem de ser realizada por toda a comunidade de crentes, onde se encaixa a pessoa do pregador?

Estas são perguntas importantes. Creio que as respostas estão apresentadas em Efésios 4. Essa passagem nos mostra que os pastores e ensinadores são dons concedidos à igreja por Cristo. Ninguém pode acreditar nessa verdade e, ao mesmo tempo, menosprezar a vocação deles. Mas o grande propósito da obra dos pastores e mestres, conforme lemos, é o “aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.12). Em outras palavras, a tarefa do ministro cristão consiste em conduzir a igreja a um ministério muito mais amplo; consiste em ser um canal de bênçãos, de modo que outros sejam capacitados e se tornem testemunhas brilhantes e úteis.

É uma consideração bastante sensata para muitos pastores o pensamento de que a vida espiritual de uma igreja adquirirá suas características daqueles que a ela ministram. A saúde do rebanho está relacionada ao pasto aos quais os pastores conduzem as ovelhas. E, novamente, encontramos isso em Atos dos Apóstolos. O que tornou os crentes tão cristocêntricos naquela época? Sabemos que foi o Espírito Santo, mas Ele é o Espírito da verdade que opera por meio de homens que pregam a Palavra de Deus. Igrejas cristocêntricas são igrejas onde existe uma pregação bíblica, ungida pelo Espírito Santo. Nosso Senhor afirmou: “Ele me glorificará” (Jo 16.14). Isso é o

—■—
*Cristo tem em suas
 mãos o poder para
 abençoar e
 expandir sua igreja.*
 —■—

que encontramos no livro de Atos. Os crentes em Jerusalém constantemente ouviam a respeito de Jesus, de sua glória e seu amor. Lucas nos fala sobre os pregadores: “E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo” (At 5.42). De maneira semelhante, a obra de Barnabé, que era cheio do Espírito, consistia em “pregar a Jesus”, em Antioquia. Não é uma surpresa que ali os crentes foram chamados de “cristãos”. Esse princípio é verdadeiro em todos os lugares.

Em anos recentes, Samuel Lamb ministrou como pastor da Igreja Subterrânea na China. Grande parte de seu ministério consistiu em preparar o povo de Deus para permanecer firme em meio aos sofrimentos; e, para fazer isso, o teor de seu trabalho não se concentrava em pregar sobre o aspecto árduo das circunstâncias. Uma de suas ovelhas lhe dis-

se em certa ocasião: “Jamais poderemos agradecer suficientemente a Deus por seu ministério, pastor Lamb; você nos preparou para o regozijo e não para a tristeza”. A isto, Lamb respondeu com as palavras de Tiago: “Tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações” (Tg 1.2).

Portanto, temos de afirmar que, onde uma comunidade de crentes não está crescendo em graça e influência, a primeira coisa que precisa ser auto-

examinada é a natureza do ministério pastoral sob o qual estão esses crentes. “Quem, porém, é suficiente para estas coisas?” (2 Co 2.16).

Conclusões

1. Se o que dissemos é verdade, então o mundanismo em todas as suas formas — orgulho, incredulidade, falta de amor, egoísmo, imoralidade — é um inimigo certo do crescimento da igreja. Essa é a grande razão por que a igreja nas épocas mais brilhantes de sua existência sempre foi cuidadosa em precaver-se quanto à admissão de pessoas à sua membresia e em disciplinar aqueles que não viviam de maneira digna do evangelho.

Em conexão com isso, precisamos enfatizar que orar não é um substituto para a obediência. É fútil dizer a uma igreja que orar é a solução para a falta de crescimento,

quando não existe qualquer interesse em ver a Palavra de Deus ser obedecida, e não há qualquer disciplina na igreja.

2. Do que temos considerado, também concluímos que o dinheiro e as condições financeiras nunca constituem o verdadeiro problema para a expansão da igreja. Uma igreja viva não depende de construções e de uma equipe de líderes remunerada. Isso tem sido comprovado inúmeras vezes.

—■—
*A saúde do
 rebanho está
 relacionada ao pasto
 aos quais os
 pastores conduzem
 as ovelhas.*
 —■—

As palavras de Archibald Alexander, de Princeton, são muito relevantes: “Em vão procuramos despertar em nossas igrejas o zelo por missões como algo independente. Para sermos corretos, o zelo por missões flui de nosso amor a Cristo. Quando tivermos um senso mais elevado de comunhão pessoal com Cristo, estaremos mais capacitados para a obra missionária, quer para irmos nós mesmos, quer para enviarmos outros. Se permitirmos que missões se torne uma questão de dinheiro e investimento financeiro, não veremos qualquer resultado. ‘Encontrem pregadores como David Brainerd’, disse John Wesley, ‘e nenhum obstáculo prevalecerá diante deles; mas, sem esse tipo de obreiro, o que podem fazer o ouro e a prata?’ Uma afeição efusiva pelo Senhor Jesus deve tornar-se a paixão que nos governa; e esse tipo de afeição transmite o entusiasmo do zelo evangélico a cada membro da igreja. Uma igreja que possui pastores e membros desse tipo será uma igreja apostólica, uma igreja celestial”.

3. Outra conclusão segura é a verdade de que o crescimento da igreja não se fundamenta primariamente na multiplicação do número de membros. O crescimento espiritual na graça de Cristo vem em primeiro lugar. Onde esse crescimento é menosprezado em troca da busca de resultados, pode haver sucesso, mas

será de pouca duração e, no final, diminuirá a eficácia genuína da igreja. A dependência de número de membros ou a preocupação com números freqüentemente tem se confirmado como uma armadilha para a igreja. Também é verdade que um grande progresso espiritual habitualmente tem resultado das vidas e do testemunho de um remanescente. O princípio de Gideão — “Há povo demais” (Jz 7.4) — permanece verdadeiro. “Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são” (1 Co 1.28).

—■—
*Uma igreja viva
 não depende de
 construções e de
 uma equipe de
 líderes remunerada.*
 —■—

do, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são” (1 Co 1.28).

4. Se este ponto de vista sobre crescimento da igreja está correto, precisamos guardá-lo em nossos corações e nos esforçarmos para não perpetuar os erros dos quais somos culpados. Os ministros do evangelho que possuem convicções bíblicas têm especial necessidade de reconsiderar o ponto central de seu ministério. Um dos mais famosos evangelistas da Inglaterra no século XVIII foi Henry Venn. Quando estava idoso, escreveu uma carta ao seu filho, também ministro do evangelho; escreveu sobre “Os Enganos que Pastores Novos Estão Propensos a Cometer”. A carta apresentava o seguinte reconhecimento, fruto do próprio ministério de Henry Venn:

“Estou consciente de que não fui tão insistente quanto deveria ao

instruir aqueles que professam ser crentes, mostrando-lhes quão grande era seu dever, visto que eles mesmos haviam recebido o conhecimento das coisas de Deus e tinham capacidade para começarem a trabalhar junto com seu pastor. Deveria ter lhes dito, com clareza e freqüência, que grande benefício pode ser feito por um único homem que ensina a verdade”.

5. A lição final tem de ser que a humilde dependência de Deus é nossa suprema necessidade. Podemos organizar muitas coisas, mas não podemos organizar o crescimento espiritual verdadeiro. Conforme

disse Samuel Lamb, o pastor chinês, a um jovem crente, nosso dever é testemunhar, “enquanto o Espírito nos guia. Ele não é uma arma em nossas mãos. Nós somos instrumentos nas mãos dEle”. Termino com uma palavra de John Nevius:

“Se, em alguma forma, estamos nutrindo um sentimento de confiança em nós mesmos, Deus provavelmente nos humilhará, antes de nos usar. Devemos sentir que, se alguma coisa for realizada para Cristo, isso acontecerá por meio da presença e do poder do Santo Espírito de Deus, e estejamos prontos para atribuir a Deus toda a glória”.

As pessoas Carecem Ouvir das Grandezas de Deus

John Piper

(...) Muitas pessoas não admitirão este diagnóstico em suas vidas atribuladas. A majestade de Deus é um remédio desconhecido. Existem excessivas receitas populares no mercado, mas o benefício de qualquer outro remédio é superficial e momentâneo. A pregação que não tem o aroma da majestade de Deus pode entreter-nos por um tempo, porém não satisfará o secreto clamor de nossas almas: “Mostra-me a tua glória”.

Estou persuadido de que a visão da grandeza de Deus é o segredo da vida da igreja, tanto no ministério pastoral quanto na expansão missionária. Nosso povo precisa ouvir mensagens que o deixe maravilhado quanto à pessoa de Deus. Carecem de alguém que, pelo menos uma vez por semana, levante a sua voz e magnifique a supremacia de Deus.

Oração de um Profeta Menor

A. W. Tozer

Esta oração é pronunciada por um homem chamado a ser testemunha ante as nações, e foram estas as palavras que disse ao seu Senhor no dia em que foi ordenado. Depois de os anciãos e ministros terem orado e pousado sobre ele as suas mãos, retirou-se para estar a sós com o seu Salvador, no silêncio, mais além do que os seus irmãos bem intencionados o podiam levar. E disse:

Senhor, escutei a tua voz e tive medo. Chamaste-me a uma tarefa solene numa hora grave e perigosa. Em breve abalarás todas as nações, a terra e também o céu, para que fique só aquilo que é inabalável. Senhor, nosso Senhor, aprouve-Te honrar-me chamando-me a ser teu servo. Só aceita esta honra aquele que é chamado a ser teu servo, visto ter de ministrar junto àqueles que são obstinados de coração e duros de ouvido. Eles Te rejeitaram, a Ti, que és o Amo, e não posso esperar que me recebam a mim, que sou o servo.

Meu Deus, não vou perder tempo a deplorar a minha fraqueza ou a minha incapacidade para o trabalho. A responsabilidade é tua, não minha, pois disseste: “Conheci-te, ordenei-te, santifiquei-te”, e também: “Irás

a todos aqueles a quem Eu te enviar, e falarás tudo aquilo que Eu te ordenar”. Quem sou eu para argumentar contigo ou para pôr em dúvida a tua escolha soberana? A decisão não é minha, mas sim tua. Assim seja, Senhor; cumpra-se a tua vontade e não a minha.

Bem sei, Deus dos profetas e dos apóstolos, que, enquanto eu Te honrar, Tu me honrarás a mim. Ajuda-me, portanto, a fazer este voto solene de Te honrar em toda a minha vida e trabalho futuros, quer ganhando quer perdendo, na vida ou na morte, e a manter intacto esse voto enquanto eu viver.

É tempo, ó Deus, de agires, pois o inimigo entrou nos teus pastos e as ovelhas são dilaceradas e dispersas. Abundam também falsos pastores que

negam o perigo e se riem das ameaças que rodeiam o teu rebanho. As ovelhas são enganadas por estes mercenários e seguem-nos com fidelidade, enquanto o lobo se acerca para matar e destruir. Imploro-Te que me dês olhos bem abertos para descobrir a presença do inimigo; que me dês compreensão para distinguir entre o falso e o verdadeiro amigo. Dá-me visão para ver e coragem para declarar fielmente o que vejo. Torna a minha voz tão parecida com a tua que até as ovelhas doentes a reconheçam e Te sigam.

Senhor Jesus, aproxima-me de Ti em busca de preparação espiritual. Pousa a tua mão sobre mim. Unge-me com o óleo do profeta do Novo Testamento. Impede que eu me transforme num religioso e perca assim a minha vocação profética. Salva-me da maldição que paira sombriamente sobre o sacerdócio moderno; a maldição da transigência, da imitação, do profissionalismo. Salva-me do erro de julgar uma igreja pelo número de seus membros, pela sua popularidade ou pelo total de suas ofertas anuais. Ajuda-me a lembrar-me de que eu sou profeta, não um animador, não um gerente religioso, mas um profeta. Que eu nunca me transforme num escravo das multidões. Cura a minha alma das ambições carnavais e livra-me do prurido da publicidade. Salva-me

da servidão das coisas materiais. Impede-me de gastar o tempo entretendo-me com as coisas da minha casa. Faze o teu terror pousar sobre mim, ó Deus, e impele-me para o lugar de oração onde eu possa lutar com os principados, e potestades, e príncipes das trevas deste mundo. Livra-me de comer demais e de dormir demais. Ensina-me a auto-disciplina para que eu possa ser um bom soldado de Jesus Cristo.

Aceito trabalho duro e pequenas compensações nesta

vida. Não peço um cargo fácil. Procurarei ser cego aos pequenos processos de facilitar a vida. Se outros procuram o caminho mais plano, eu procurarei o caminho mais árduo, sem os julgar com demasiada severidade. Esperarei oposição e procurarei aceitá-la serenamente quando ela vier. Ou se, como por vezes sucede aos teus servos, o teu povo bondoso me obrigar a aceitar ofertas expressivas de gratidão, conserva-Te ao meu lado e salva-me da praga que a isso freqüentemente se segue; ensina-me a usar o que porventura receber de tal modo que não prejudique a minha alma nem diminua o meu poder espiritual. E se a tua providência permitir que me advenham honras da tua Igreja, que eu não esqueça naquela hora que sou indigno da mais ínfima das tuas misericórdias, e que, se os homens me conhecessem tão intimamente

— ■ —

*Salva-me do erro de
julgar uma igreja
pelo número de seus
membros, pela sua
popularidade
ou pelo total de suas
ofertas anuais.*

— ■ —

como eu me conheço a mim próprio, me retirariam tais honrarias para as darem a outros mais dignos delas.

E agora, Senhor do céu e da terra, consagro-Te o resto dos meus dias, sejam eles muitos ou poucos, consoante a tua vontade. Quer eu me erga perante os grandes quer ministre aos pobres e humildes, essa escolha não é minha, e eu não a influenciaria, mesmo que pudesse. Sou teu servo para cumprir a tua vontade. Ela é mais doce para mim do que a posição, ou as riquezas, ou a fama, e escolho-a acima de tudo o mais na terra ou no céu.

Embora eu tenha sido escolhido por Ti e honrado por uma alta e santa vocação, que eu nunca esqueça que não passo de um homem de pó e cinza com todos os defeitos e paixões naturais que atormentam a humanidade. Rogo-Te, portanto, meu

Senhor e Redentor, que me salves de mim próprio e de todo o mal que eu puder fazer a mim mesmo enquanto procuro ser uma bênção para os outros. Enche-me do teu poder pelo Espírito Santo, e eu caminharei na tua força e proclamarei a tua justiça - a tua tão somente. Anunciarei a mensagem do teu amor redentor enquanto tiver forças.

E, Senhor amado, quando eu for velho e estiver fatigado, demasiado cansado para prosseguir, prepara-me um lugar lá em cima e conta-me entre o número dos teus santos na glória eterna. Amém.

(Originalmente publicado em Português pela *Revista Teológica*, Seminário Teológico Batista, Leiria, Portugal, Vol III, Abril-Junho 1964, No. 2)

Estranha Piedade

John Angell James

Entre as muitas coisas que são motivadoras para o crente existem também aquelas que afligem e trazem desânimo mesmo para o mais piedoso observador. Entre estas, contemplamos uma estranha combinação de zelo com mundanismo; intensa atividade em favor da expansão do reino de Deus na terra mesclada com uma lamentável indiferença quanto ao estado espiritual da alma; em resumo, vemos um aparente esforço nas coisas exteriores misturado a um crescente torpor no coração. Milhares de crentes estão substituindo a piedade pelo zelo; a mortificação, pela liberalidade; e a vida cristã pessoal, por uma religião social. Qualquer leitor dedicado do Novo Testamento e observador do presente estado da igreja não deixará de convencer-se de que o que agora falta aos crentes é uma sublime espiritualidade.

O testemunho cristão rebaixa-se a este nível de piedade; a linha de separação entre a igreja e o mundo está se tornando cada vez menos perceptível; e o caráter do verdadeiro cristianismo, apresentado dos púlpitos e descrito nos livros, raramente se reflete na vida e no espírito daqueles que professam ser crentes.

Opinião do Leitor

Foi um prazer o contato com a Revista “Fé para Hoje”, que tiveram a amabilidade de me enviar... muito apreciei e me parece de muita utilidade a sua leitura. Fico grato... em poder me beneficiar da leitura de tão edificante e espiritual revista. Continuo aguardando pelos futuros exemplares... cujos artigos sejam para edificação da minha vida e de grandes bênçãos para o meu ministério.

R. M. P. F.
Setúbal, Portugal

A revista número 5 é muito edificante. Gostei muito do artigo *Uma palavra aos Pais*. Gostaria que tratassem mais deste assunto, principalmente filhos de pais separados... toda a revista é uma bênção. Já passei para outras irmãs da minha igreja e creio já está sendo muito útil.

H. S.
Itú, SP

Desejo que a primeira carta neste novo ano seja dirigida à “Fé para Hoje”, tendo em vista, o bem que me fez esta publicação e, creio, há de continuar fazendo... Creio

que todo professor de ED, evangelista, ministro de ER, seminarista, pastor, etc, deveria estar comprometido com “Fé para Hoje”... Vou colocar aqui nome e endereço de um colega.

E. S. M.
Engenho Novo, RJ

Trabalho como carteiro e, portanto, manipulo uma série de correspondências... Sempre fico atento... Uma agradável surpresa foi encontrar a revista “Fé para Hoje”.

S. M.
Blumenau, SC

Esta revista tem sido uma bênção para minha vida, mas a leio por empréstimo. Gostaria de tê-la em minha coleção. Sou pastor...

A. A D. F.
Atibaia, SP

...Revista “Fé para Hoje”, uma edição surpreendentemente boa para os cristãos de várias denominações de nossos tempos. Gostei muito do conteúdo deste material.

R. L. O.
Rio Negro, PR